

## ARTIGO

### **LADAINHAS DE CAPOEIRA E ENSINO DE HISTÓRIA: NARRATIVAS POTENTES PARA UMA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

RODRIGO SANTIAGO DA SILVA GARCIA

Mestre em Ensino de História - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
Professor de História da rede municipal de São Leopoldo/RS  
ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-2223-0164>

VIVIANE INÊS WESCHENFELDER

Doutora em Educação – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)  
Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISINOS  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8410-4258>

**RESUMO:** Este artigo discute a potência das ladainhas na capoeira como forma de desenvolver o conhecimento histórico e vivenciar a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER). Apresenta uma pesquisa aplicada, desenvolvida com estudantes do ensino fundamental, que envolveu uma sequência didática com o uso de ladainhas, bem como a produção narrativa pelos discentes. Em uma perspectiva decolonial, tal como preconiza o campo da ERER, o estudo evidencia que as ladainhas transpassam a barreira de um currículo eurocêntrico e oportunizam a visibilidade de uma cultura resiliente às tentativas do processo de apagamento histórico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação das Relações Étnico-Raciais. Ensino de História. Cultura Afro-brasileira. Ladainhas de Capoeira.

## **CAPOEIRA'S LYRICS AND HISTORY TEACHING: POWERFUL NARRATIVES FOR AN EDUCATION OF ETHNIC- RACIAL RELATIONS**

**ABSTRACT:** This article discusses the power of lyrics in capoeira to develop historical knowledge and experience the Education of Ethnic-Racial Relations (ERER). It presents applied research developed with elementary school students, which involved a didactic sequence with the use of lyrics, as well as the narrative production by the students. From a decolonial perspective, as advocated by the field of ERER, the study shows that capoeira's lyrics transcend the barrier of a Eurocentric curriculum and provide visibility to a culture resilient to attempts at historical erasure.

**KEYWORDS:** Education of Ethnic-Racial Relations. History Teaching. Afro-Brazilian Culture. Capoeira's Lyrics.

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2026v85p90-116>

Recebido em: 31/03/2025

Aprovado em: 15/06/2025



## Introdução

Você já viu uma roda de capoeira? Convidamos o leitor para uma tentativa de criação de imagem que dará um toque especial à compreensão deste artigo.<sup>1</sup>

Em uma roda de capoeira, existem muitas informações cuja complexidade o espectador vai percebendo aos poucos. Podemos começar com o que mais chama atenção de quem assiste: o próprio jogo ou luta. Os movimentos de esquiva e ataque, embalados pelos principais instrumentos musicais próprios da capoeira – o berimbau, o atabaque, o pandeiro e o agogô –, dão ritmo ao corpo, o que é chamado de ginga, na busca de consonância entre as passadas e os toques instrumentais. A partir daí, observamos os movimentos acrobáticos que insinuam ataques poderosos dos/as dois/duas participantes em meio a uma roda composta por capoeiristas, que colaboram com cantos e palmas, todos/as à espera do momento de estar na ginga. Conseguiu visualizar? Agora, pensamos nos detalhes do canto da roda. A cantoria na capoeira não é somente uma arte musical; ela é um somatório de valores civilizatórios afro-brasileiros interligados às diversas culturas vindas do continente africano pela tradição oral.

Considerando essas potencialidades, o artigo apresenta resultados de uma pesquisa que focalizou as ladainhas de capoeira nas aulas de História dos anos finais do Ensino Fundamental, incluindo a produção narrativa de ladainhas com os estudantes. A abordagem teve como objetivo principal desenvolver uma metodologia sobre a EREER na perspectiva pedagógica que reconhece o importante legado dos povos afro-brasileiros, africanos e indígenas, tal como propõe o Art. 26A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), a partir da Lei n. 11.645/2008, e as Diretrizes para sua implementação: “O principal objetivo desses atos é promover alteração positiva na realidade vivenciada pela população negra e trilhar rumo a uma sociedade democrática, justa e igualitária, revertendo os perversos efeitos de séculos de preconceito, discriminação e racismo” (MEC/SEPPIR, 2004, p. 8).

---

<sup>1</sup> Este artigo resulta de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do mestrado profissional em Ensino de História, desenvolvido nos anos 2020 e 2021 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

As referências deste estudo estão baseadas nos saberes do Mestre de Capoeira Ismael Fabiano Ferreira Cardoso, que contribui de forma oral para o trabalho, no referencial sobre Educação Antirracista e ensino de História. O ensino de História foi importante para compreender as mudanças na maneira de pensar a prática escolar. Transformações no campo pedagógico são uma urgência, uma vez que o campo social exige novos olhares representativos (Pereira; Roza, 2011). Do mesmo modo, as discussões no campo da História e a representação do negro foram *embaladas* por autores que subvertem a ordem do ensino de História, dando visibilidade a culturas marginalizadas pela historiografia. Munanga (2008) e Meinerz e Pereira (2016), entre outros, dão o tom da historiografia; referências da área da capoeira, como o Mestre Pastinha, o Mestre Afrikano (que desenvolveu oficinas de capoeira na escola), Soares (1993) e outros escritores, deram a dimensão da experiência da luta.

Muito deste trabalho circula em torno do que chamamos de valores civilizatórios afro-brasileiros, que contemplam a corporeidade, a musicalidade, a circularidade, a ludicidade e a cooperatividade (Trindade, 2012), fazem parte da roda de capoeira. Cabe ressaltar que a palavra *civilizatório*, neste contexto, evidencia elementos que estão na base das culturas africanas diaspóricas, trazidos pelas populações negras escravizadas e fortemente difundidos no que se convencionou chamar de cultura popular ou mesmo de folclore. Tais valores constroem historicamente formas de sociabilidade e modos de vida que precisam ser reconhecidos e respeitados. Assim, não têm a pretensão de impor-se, como as pretensas investidas dos países colonizadores europeus entre os séculos XVI e XIX, no que hoje chamamos de Brasil. Sobretudo, essa concepção mostra as diversas facetas culturais que fundaram a sociedade brasileira, junto com os povos indígenas e europeus que aqui se aglutinaram mediante um projeto colonizador. Logo, a inserção cultural africana legou a formação da brasilidade na perspectiva social que abrange a dimensão afro-brasileira de nosso povo (Trindade, 2012).

O trabalho destaca as ladainhas de capoeira como herança de resistência afro-brasileira que contribuiu para a formação sociocultural de nosso país e que empresta, para este artigo, sob a lente pedagógica, uma potente proposta para ruptura de um currículo carregado pelo eurocentrismo, remetendo a um olhar transformador, sob o qual a cultura

afro-brasileira encontra espaço de visibilidade em um currículo ainda eurocêntrico (Gomes, 2012).

Quanto à metodologia de ensino e pesquisa, a investigação partiu de uma sondagem sobre o conhecimento dos alunos acerca da contribuição cultural dos negros para o Brasil. As ladainhas formaram uma referência metodológica para o trabalho realizado com estudantes em 2020. Mesmo no contexto da pandemia de Covid-19, com adaptações e utilização do formato *on-line* de aulas, elas foram centrais no ensino-aprendizagem, tendo a oralidade como um valor de conhecimento dos elementos culturais africanos. A proposta das aulas foi a construção de ladainhas conforme os temas propostos. Com as produções, foi possível aproximar o ensino de História de um dos fundamentos mais importantes da capoeira, que é a oralidade, potencializando os valores civilizatórios afro-brasileiros como fonte de estudo.

A tradição oral foi a principal forma de educação das sociedades africanas. Por meio de músicas, provérbios, jogos e mitos, o conhecimento era transmitido. Sua definição passa por uma série de significados que transpõem um simples conto de história; ela não dissocia o material do espiritual, que envolve religião e conhecimento em uma difusão, muitas vezes expressas em arte (Bâ, 2010). Nesse contexto, as ladainhas exercem função fundamental nas rodas de capoeira.

A ideia de descentralizar um currículo eurocêntrico e dar visibilidade às práticas que situam os povos resistentes à colonização é um constante desafio à prática da EREER. A capoeira transcende gerações, carrega consigo uma parte cultural que se estende há séculos e preserva conhecimento passado que vai além de um livro ou manual de instruções – ela preserva em si a oralidade.

As ladainhas são o “tom” e foram pensadas como um desafio em sincronizar os movimentos metodológicos do ensino de História, em um jogo que todos ganham, principalmente os participantes da atividade. A narrativa que se desenrolou dentre os estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental foi balizada por uma narrativa de resistência, pelo discurso intrínseco às ladainhas, por uma oratória inspirada nas trajetórias de quem veio ao Brasil e demonstrou resiliência e capacidade de preservação de sua cultura por meio de seus cantos, religião, luta e intelectualidade.

Mesmo aqueles que não praticam essa herança cultural africana ficarão admirados quando perceberem que as ladainhas são muito mais do que um jogo, arte ou luta. Elas carregam significados, ancestralidade, malícia, saberes. Elas são o início, o momento em que todos param, prestam atenção ao cântico, entendem a energia além das palavras, e somente aí inicia a ginga. Assim, as ladainhas são entendidas neste trabalho como um percurso para responder esta problematização: como as ladainhas de capoeira podem possibilitar aos estudantes uma aprendizagem significativa sobre a EREER? Dessa forma, pretende-se contribuir para os campos da História e da Educação, pois a busca por outros modos de educar e construir conhecimento histórico direciona os/as educadores/as para o combate ao racismo pela desmistificação dos saberes eurocêntricos.

Este artigo estrutura-se em quatro seções. A primeira dialoga com os conceitos de valores civilizatórios afro-brasileiros a partir da capoeira, com foco na ladainha como articuladora entre a EREER e o ensino de História. Na segunda seção, demonstramos como foi possível aproximar referenciais do ensino de História para a proposta pedagógica da capoeira no Ensino Fundamental. Na terceira seção, apresenta-se a metodologia da prática de ensino, e discutem-se algumas potencialidades de narrativas sobre o recorte escolhido para o ensino da História. Na quarta seção, temos a aproximação dos estudantes com as ladainhas, e seu potencial narrativo ganha contorno em suas produções. O estudo evidencia que as ladainhas transpassam a barreira de um currículo eurocêntrico e oportunizam a visibilidade de uma cultura resiliente ao racismo e às tentativas do processo de apagamento histórico.

### **A ginga: quando a roda da capoeira se forma**

Compreendemos a capoeira como uma prática cultural que atualmente se traduz em forma de resistência para a população afro-brasileira. Ao longo do século XX, a capoeira se consolidou como um dos elementos centrais da cultura brasileira, juntamente com o samba, o futebol e o carnaval. Todavia, adicioná-la à identidade nacional não significou reconhecer seu legado de luta e ancestralidade africana, e sim, símbolo da mestiçagem que justificava o discurso da democracia racial. Segundo Oliveira

e Leal (2009, p. 44), “a história da capoeira foi marcada por perseguições policiais, prisões, racismo e outras formas de controle social que os agentes dessa prática cultural experimentaram em sua relação com o Estado brasileiro”.

Nas primeiras décadas do século XXI, o debate historiográfico contribuiu para que a capoeira fosse reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como bem da cultura material do Brasil, em 2008, e como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, em 2014. Para Hall (1997, p. 16), cultura relaciona-se à ideia de que:

Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas "culturas". Contribuem para assegurar que toda ação social é "cultural", que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação.

Independente de seu reconhecimento como simbologia nacional, a capoeira é uma prática da cultura afro-brasileira, possuidora de histórias verbalizadas pela tradição oral, e explorar sua conexão com os diversos valores ancestrais africanos é uma oportunidade importante de aprendizagem. Em seu estudo, foram identificados processos de luta pela preservação cultural negra, que carecem de valorização até os dias de hoje.

Dessa forma, a Educação das Relações Étnico-Raciais, embalada pela capoeira, torna-se uma importante ferramenta no ensino de História e em seu tensionamento para uma nova proposição de ensino e pesquisa. A Lei 10.639/03,<sup>2</sup> lançada em 2003, traz o sentido da obrigatoriedade, o que é reforçado por uma composição de estudos que une a intelectualidade de diversos movimentos negros e propõe um “norte” para os conteúdos serem abordados.

---

<sup>2</sup> Número da lei alterado desde 2008 para lei 11.645/08. A alteração se deu pela normativa e inclusão do ensino sobre a cultura indígena nas escolas públicas e privadas, no Ensino Fundamental e Médio. Portanto, a utilização do número 10.639/03, neste artigo, é intencional, por ser um marco histórico na educação.

A luta, a resistência, a intelectualidade, os princípios matriarcais, entre outros, por muito tempo foram invisibilizados nos currículos escolares. O tema do escravismo, evidenciado desde a perspectiva do projeto colonizador europeu, desprestigiou o papel da cultura africana e, conseqüentemente, dos que vieram em diáspora para o Brasil. Os signos culturais, durante séculos, privilegiaram uma história eurocêntrica, forçada pelos colonizadores, e agora estão em um caminho de desconstrução, ainda que em um processo lento mas importante, à medida que conjuga esforços dos movimentos sociais negros e indígenas e de intelectuais e docentes comprometidos com a educação antirracista.

A lei 10.639/2003 foi uma ferramenta que podemos reconhecer como luta; assim como na capoeira, um golpe que desestabiliza o oponente, uma rasteira naqueles que ainda reproduzem uma história positivista e pautada, sobretudo, nos conquistadores. O Parecer CNE/CP nº 3/2004, que definiu os objetivos específicos referentes ao ensino de História e Cultura Afro-brasileira, estabelece:

Art. 26-A – Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira. Parágrafo Primeiro - O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da África e dos Africanos, a luta da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política, pertinentes à História e Cultura Afro-brasileira, serão ministrados no âmbito de todo currículo escolar, especialmente nas áreas Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. Art. 79-B- O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”.

Como autores comprometidos em implementar a EREER, enfatizamos que não é tarefa simples mobilizar a mudança preconizada pela legislação. Gomes (2012, p. 106) fala-nos de outro paradigma epistemológico, que coloca em tensão o campo das relações de poder e saber, o “que nos leva a questionar as concepções, representações e estereótipos sobre a África, os africanos, os negros brasileiros e sua cultura construídos histórica e socialmente nos processos de dominação, colonização e escravidão e as formas como esses são reeditados”. Essa reescrita necessita de práticas pedagógicas que mergulham em novos temas, ou em temas curriculares tradicionais por novas perspectivas.

A aproximação entre capoeira/ladainhas e o ensino de História constitui-se com muito cuidado por diversas razões. Primeiramente, é preciso compreender que o saber está contido no mestre de capoeira. Portanto, para uma possível imersão, um trabalho tem que apresentar o responsável por coordenar a roda, dar o primeiro toque, puxar a canção e ensinar. Isso implica entender a hierarquia dos detentores do saber, responsáveis pela passagem do conhecimento de sua ancestralidade; no caso da capoeira, deve-se dar atenção ao mestre da roda de capoeira. O ensinamento é passado por seu gingar, um dos princípios básicos da luta, jogando o corpo de um lado para o outro, balançando e esperando o momento certo da esquiva e do ataque. O ensino constitui-se dessa forma. O professor faz provocação, instiga e desenvolve o conteúdo. O capoeirista analisa, entra no ritmo!

O ensino de História é situado nesse cenário como um lugar de possibilidades que exige do mediador formas de situar, não só o passado-presente, mas os atores emergentes entre as diferentes exigências da historicidade de seu povo, de sua cultura e do ser sujeito ativo. A mediação é o encontro dessas múltiplas histórias, do tensionamento e posicionamento daqueles que gritam, resistem. Como Monteiro (2011, p. 206) explica,

[...] o Ensino de História se situou como um “lugar de fronteira”. “Lugar de fronteira” foi conceito que, ao longo da realização da pesquisa, tornou-se objeto de reconceitualização. Primeiro, ao considerá-lo como lugar de encontros, diálogos, mas, também, de “marcação de diferenças”, onde se pode produzir um distanciamento entre culturas que entram em contato, nos chamou a atenção o fato de compreender que estavam em jogo questões de ordem epistemológica assim como, igualmente, culturais e políticas. Disputas entre “campos teóricos” nos quais grupos se posicionam em busca de hegemonia nas respectivas áreas de atuação (Monteiro, 2011, p. 206).

O desafio no ensino de História em relação à EREER é trazer para o currículo o combate ao racismo, em uma epistemologia que confronte a colonialidade, de forma centrada nas metodologias e conteúdos formativos escolares, que resultam em saberes e experiência em cada indivíduo e na formação cidadã. Para Maldonado-Torres (2019, p. 29), a

decolonialidade como um conceito oferece dois lembretes-chave: primeiro, mantém-se a colonização e suas várias dimensões claras no horizonte de luta; segundo, serve como uma constante lembrança de que a lógica e os legados do colonialismo podem continuar existindo

mesmo depois do fim da colonização formal e da conquista da independência econômica e política.

A historiografia brasileira requer atenção quanto ao ensino sobre a África e a cultura afro-brasileira, pois ainda apresenta uma história “ensinada de maneira distorcida, falsificada e preconceituosa, comparativamente à história de outros continentes, principalmente do continente europeu” (Munanga, 2008, p. 25). Em que pese esse ensino ter mudado profundamente nas últimas décadas, ainda são necessários estudos que apresentem possibilidades de trabalho com modos não canônicos de construir conhecimento histórico.

Pensar o “ensinar história” posiciona-nos diante da complexidade contemporânea das novas emergências socioculturais. Hoje, podem-se observar múltiplas mudanças no campo do ensino de História, pois:

Historiador e professor de História, hoje, deixaram de olhar para a diversidade da vida humana a partir do olho europeu e iluminista. Como exemplo, temos o continente e o povo africano, que passa a ter história original e singular, antes e depois da conquista europeia, e não ligada ou referida a esta. Novos temas e abordagens estão levando o Ensino de História a abandonar o tom cristalizado, naturalizado, de determinados objetos, evidenciando que até nossas mais fortes crenças, que pareciam ter nascido conosco, têm uma história, um começo, às vezes perverso, de violência, de dizimação e de aculturação (Pereira; Graebin, 2010, p. 172).

Logo, tomar a capoeira como cultura vinda dos povos africanos, articulando o Ensino de História e a Educação das Relações Étnico-Raciais, significou trilhar um caminho para a aprendizagem, humanização, educação antirracista e descolonização. É possível singularizar a capoeira como um eixo cultural afro-brasileiro, uma vez que:

A capoeira é uma só, com ginga e determinado número de toques e golpes, que servem de padrão a todos os capoeiras, enriquecidos com criações novas e variações sutis sobre os elementos matrizes, mas que não os descaracterizam e interferem na sua integridade. Apenas o que houve na capoeira dita regional foi que o Mestre Bimba a desenvolveu, utilizando elementos já conhecidos dos seus antepassados e enriquecendo com outros a que não lhes foi possível o acesso. Mesmo assim, os elementos novos introduzidos são facilmente reconhecidos e distintos dos tradicionais, como é o caso dos golpes ligados ou cinturados, provenientes dos elementos de lutas estrangeiras, o que não se verifica nos golpes tradicionais, onde os capoeiras não se ligam e mal se tocam (Rego, 1968, p. 32).

Tivemos a oportunidade de conhecer a capoeira por meio do Mestre Afrikano, que ministrava oficina de luta na escola em determinado contexto. Com ele, foi possível absorver dicas e compreensões sobre o conjunto estrutural de uma roda de capoeira.

### **O golpe: nas entrelinhas do ensino de História**

Situar a metodologia de ensino de História e a EREER em sala de aula foi um jogo de paciência e estratégia. Primeiro, a escolha da capoeira/ladainhas foi um campo representação social. Na capoeira, constitui-se um lugar sobre o qual a EREER repousa em conteúdo e prática representativa de uma aula. Sai do quadro estático do livro didático, ou seja, de um conteúdo sobre o assunto *capoeira*, o qual é apresentado como importante valor cultural, porém, sem a experimentação do conhecimento, da vivência e da prática, em que os valores civilizatórios afro-brasileiros estejam contemplados.

Portanto, a capoeira pode ser percebida como potencialidade pedagógica de representação social. De acordo com Silva (2011, p. 27, *apud* Moscovi, 1978, p. 49), “a representação social é uma preparação para a ação, ela não é somente na medida em que guia o comportamento, mas sobretudo na medida em que remodela e reconstitui os elementos do meio ambiente em que o comportamento teve lugar”.

A representatividade da cultura negra na sociedade transcende o recorte, a fragmentação, o “*box*” do livro didático. Ela implica dinamismo, e o ensino pode abarcar múltiplas representações, oralidade, ensino, musicalidade, dança, canto, instrumentos – um conjunto que dá sentido aos valores civilizatórios afro-brasileiros.

A escola é o palco ideal para receber esse jogo de aprendizagem em que ocorrem “regulações simbólicas, controles sociais [...] como também, posturas éticas diante do mundo natural e social. [...] Assim, pensar mudanças na sociedade implica pensar a escola que temos, rumo às transformações em direção à sociedade que queremos” (Lima, 2015, p. 17). Uma vez compreendido o espaço escolar como um lugar de complexidades e contradições, em que podemos enquadrar as mudanças e transformações sociais como apontamento no ensino, as representações sociais de culturas marginalizadas devem tomar terreno na potência da EREER.

Sob o “guarda-chuva” dos conceitos de “apropriação e representação” (Gonzáles, 2018), fazemos alusão à aula de História por intermédio da capoeira. Entender a apropriação que apresentamos da capoeira possibilita um ato de criação, produção, interpretação e proposição (Gonzáles, 2018) em atitudes combinadas com planejamento para uma efetiva aprendizagem sobre a importância das relações culturais ao longo do processo histórico.

Capoeira e ensino de História tornam-se terrenos férteis para um ensino aprofundado sobre resistência e representatividade. O ensino de História passa por mudanças na intenção ideológica. Representações e apropriações simbolizam movimentos de transformação das permanências já apontadas e resistência como espaço além da escrita. Levar recortes sobre a capoeira para a sala de aula exigiu um planejamento complexo, principalmente em um contexto de pandemia, que demandou a renovação do ensino (ainda que temporário). O uso da capoeira foi uma forma de fazer a leitura de um recorte histórico, valendo-nos dos recursos “capoeiristas” de ensino, neste caso, as ladainhas, de forma *on-line*.

O ensino de História transforma-se no espaço escolar e desmistifica a hierarquia entre pesquisa e ensino em sala de aula, neste emaranhado de relações: escola, capoeira, ensino de História e ERER. A densidade de uma aula como a aqui pensada trouxe estudos sobre essas relações, que se harmonizam e levam a uma horizontalidade sobre ensinagem e pesquisa, como apontou Sebastião Plá (2011), que relaciona “políticas educacionais, memórias coletivas, identidades múltiplas, posicionamentos historiográficos e práticas docentes” em vínculos que se entrelaçam no dia a dia do professor.

### **Metodologia: o ensaio de um golpe**

Os passos metodológicos para efetividade da proposta da aula foram desafiadores, pois, como dissemos, o contexto foi o período de pandemia. Inicialmente, o trabalho seria fundamentado em uma roda de capoeira, com a participação do mestre, demonstrando todo o seu conhecimento. Entretanto, as mudanças que ocorreram por conta da pandemia entre 2020 e 2021 fizeram com que o recorte da capoeira para a sala de aula virtual fosse necessário, então, as ladainhas tornaram-se fundamentais.

A sondagem foi um dos métodos utilizados para pensar as aulas. Planejamos duas sondagens, em função das mudanças ocorridas na pandemia, e os estudantes-alvo foram os do 8º ano do Ensino Fundamental. A primeira sondagem tinha quatro questões, que buscavam instigar os discentes a exporem seus conhecimentos acerca da capoeira e da cultura negra em tempos escravistas. Eram elas:

- 1) O que é capoeira?
- 2) Para a pergunta abaixo, marque com um X a resposta correta e justifique sua resposta:  
Você sabe desde quando se pratica capoeira no Brasil?
  - a) século XIX, com os escravizados;
  - b) século XX, em comunidades negras.
- 3) Que tipo de cultura a capoeira legou à história do Brasil?
- 4) Como você compreende a existência cultural dos negros escravizados no Brasil nos dias de hoje?

O objetivo dessa sondagem era compreender como os estudantes entendiam a capoeira no contexto escravista no século XIX. As questões foram formuladas com a intenção de verificar as respostas espontâneas dos discentes e acompanhar o seu pensamento histórico sobre a capoeira. Com a escolha dos temas envolvidos na sondagem, intencionou-se a criação de uma série de planos de ensino que pudessem provocar a criatividade dos estudantes para produzirem ladainhas de capoeira, de maneira a contribuir para a pesquisa intensa de personagens negros no período abolicionista.

Conforme as mudanças provocadas pela pandemia foram sendo impostas, a sondagem, como em um giro na capoeira que muda o dinamismo da luta, foi transformada em uma nova pesquisa. Situou-se a seguinte provocação: “Escreva um pequeno texto sobre a história do negro no Brasil”. Isso possibilitou ao discente narrar aquilo que sabia, o que aprendeu e como articulava sua memória sobre o assunto em uma escrita formal escolar, diferentemente das outras quatro questões planejadas na primeira sondagem.

Houve uma redução significativa do número de estudantes que participaram das aulas, pois todas foram em formato virtual. Entendendo a realidade dos estudantes da escola, a Secretaria Municipal de Educação estabeleceu que somente assistiriam às aulas aqueles estudantes que tivessem o recurso da internet e aparelhos que possibilitassem seu uso. Oito

crianças participaram, sendo seis meninas e dois meninos, na faixa entre 13 e 15 anos de idade.

As sondagens apresentaram resultados importantes. As escritas envolveram, ainda que não profundamente, ideias de resistência. Contudo, pôde-se constatar que faltaram elementos para sustentar uma narrativa na perspectiva da cultura afro-brasileira nos textos dos estudantes, e esse esvaziamento torna-se evidente em alguns exemplos de cultura de origem africana dimensionados de forma reducionista. Os pensamentos expressos pelos estudantes culminam no que o autor Cunha Júnior (2005, p. 254) apontou como história dos negros no mundo escolar:

A presença de africanos e afrodescendentes na cultura e na história não é realizada na forma completa e satisfatória, como seria simples e natural. Deveríamos estar em todos os capítulos, dada a nossa existência e participação constante em todos os setores da cultura, em todos os momentos da história. Essa representação na história e na cultura não é realizada, pois estamos submetidos a um processo de dominação e de imposição da cultura denominada ocidental. Estamos dentro de um sistema de educação considerado universal, que transmitiria em hipótese a essência da cultura humana, na sua diversidade. No entanto, esta visão de universal funciona como a imposição de uma visão eurocêntrica de mundo. As ideias de ocidente e a cultura ocidental são utilizadas como parte da dominação cultural. No trato dado ao universal, desaparecem as especificidades, ficam as categorias gerais, que são as da cultura greco-romana, judaico-cristã. Essas culturas fundamentam o eurocentrismo e desconhecem como relevantes as expressões de africanos e afrodescendentes.

Na época, um dos autores deste artigo era professor dos estudantes desde o 6º ano. Avaliamos que as respostas das sondagens não podem ser pensadas somente como desconhecimento dos estudantes acerca do assunto. Entretanto, cabe questionar as metodologias empregadas, que, apesar de contemplarem um planejamento que valorizava a cultura afro-brasileira, fizeram com que se pensasse em novas abordagens escolares.

### **O plano em ação: teoria e prática em sala de aula**

As ladainhas foram o epicentro para articulação das aulas. Por meio delas, foi possível vivenciar algumas dimensões dos valores civilizatórios afro-brasileiros: batidas, musicalidade e versos. Sobre o conteúdo das ladainhas, pode-se pensar em uma analogia com a música popular. Paralelamente, os

ouvintes de música encaram o conteúdo musical como horizonte de possibilidades. Aqui, nesta analogia, a importância da canção popular pode ser relacionada da seguinte forma:

Na cultura brasileira, a canção popular é arte, diversão, fruição, produto de mercado e, por tudo isso, uma referência cultural bastante presente no dia a dia. Produzida pelo homem e por ele (re)apropriada cotidianamente, objeto multifacetado e polissêmico, é elemento importante na constituição da cultura histórica dos sujeitos. Construtora e veiculadora de representações sociais, apresenta um rol enorme de possibilidades de usos e interpretações. Por todas essas razões, pode ser tomada como um instrumento didático privilegiado no Ensino de História (Hermeto, 2012, p.12).

Dentro da estrutura musical da capoeira, a ladainha é milenar; ela é uma das forças orais na cultura afro-brasileira e uma das quatro formas de música na capoeira, conhecidas como chula,

quadra, corrido e ladainha, que contém como conteúdo: [...] forte conteúdo histórico, podendo nos indicar mesmo que superficialmente, algo sobre os orixás [...]. Através da música, e da poesia oral nela existente, o capoeirista toma conhecimento não somente das origens da capoeira, mas, sobretudo, das origens do negro escravo, e sua trajetória de luta e resistência durante a escravidão, e depois dela. Não podemos deixar de mencionar que a tradição oral da capoeira também é representada pelas histórias e causos, narrados pelos Mestres ou capoeiristas mais velhos, para os seus discípulos, a fim de transmitir ensinamentos sobre os fundamentos da capoeira (Melo, 2007, p. 7).

Nessa significação da ladainha é que o campo da comunicação se torna transgressor em sala de aula, pois rompe com o modelo tradicional de ensino-aprendizagem. Os sentidos das ladainhas permitiram pensar em uma metodologia que pudesse fazer com que os alunos tomassem como ponto de partida narrativas diferentes daquelas com as quais estavam acostumados. As ladainhas apresentam heranças de uma linguagem coloquial, formada pelos africanos à época, moldando a língua portuguesa. No lugar de uma leitura de texto sobre Zumbi dos Palmares, por que não ouvir uma ladainha, que apresenta de outro modo um símbolo de resistência cultural e político? Portanto, visitar a história do Brasil na forma de ladainhas “significa apropriar-se de um processo cultural de resistência cultural, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (Benjamin, 1987, p. 225). O ensino de História, aqui, parece atender às demandas da reversão da invisibilidade.

Além da luta e da dança, a capoeira possui algo precioso na preservação da história de negros e negras no Brasil: as músicas, conhecidas como ladainhas, louvações, chulas e corridos. Vamos falar da ladainha! As ladainhas são as partes mais longas da música na capoeira. Elas possuem diversas funções, que podem ser um aviso para quem está jogando, uma história contada ou uma oração. Portanto, a ladainha transmite conhecimento.

A sequência didática iniciou-se por meio de abordagem que envolveu a mídia digital, seguida de envio de ladainhas transcritas, em referência aos vídeos mostrados aos estudantes. As ladainhas escolhidas<sup>3</sup> foram narrativas que problematizam a abolição da escravidão e alegam o valor da resistência da luta dos negros contra a escravidão, por exemplo:

<b>Rei Zumbi dos Palmares</b>	<b>Dona Isabel</b>
<p>A história nos engana  Diz tudo pelo contrário  Até diz que abolição  Aconteceu no mês do maio  A prova dessa mentira  É que da miséria eu não saio  Viva vinte de novembro  Momento para se lembrar  Não vejo no treze de maio  Nada para comemorar  Muitos tempos se passaram  E o negro sempre a lutar  Zumbi é nosso herói  De Palmares foi senhor  Pela causa de homem negro  Foi ele que mais lutou  Apesar de toda luta,  O negro não se libertou.  (Mestre Moraes)</p>	<p>Dona Isabel, que história é essa?  Dona Isabel, que história é essa  Oi ai ai!  de ter feito abolição?  De ser princesa boazinha que  libertou a escravidão  Tô cansado de conversa  Tô cansado de ilusão  Abolição se fez com sangue  Que inundava este país  Que o negro transformou em luta  Cansado de ser infeliz  Abolição se fez bem antes  E ainda há por se fazer agora  Com a verdade da favela  E não com a mentira da escola  Dona Isabel chegou a hora  De se acabar com essa maldade  De se ensinar aos nossos filhos  O quanto custa a liberdade  Viva Zumbi nosso rei negro  Que fez-se herói lá em Palmares  Viva a cultura desse povo  A liberdade verdadeira  Que já corria nos Quilombos  E já jogava capoeira  lê! Viva Zumbi  (lêê Viva Zumbi, Camará)  lê! Rei de Palmares</p>

<sup>3</sup> Referências dos vídeos: Rei Zumbi (<https://www.youtube.com/watch?v=Ob7ITZiziiA>) e Dona Isabel (<https://www.youtube.com/watch?v=3wFDeaEDQM8>).

	(lêê Rei de Palmares, Camará) lê! Libertador (lêê Libertador, Camará) lê! Viva Meu Mestre (lêê Viva Meu Mestre, Camará) lê! Quem me ensinou (lêê Quem me ensinou, camará) lê! A Capoeira (lêê a Capoeira, Camará) (Mestre Toni Vargas)
--	---

Após escutar as ladainhas e lê-las, como forma de compreensão sobre como é uma ladainha, os estudantes ficaram incumbidos de pesquisar sobre as seguintes personalidades negras sugeridas: Dandara dos Palmares, Maria Firmina dos Reis e Oliveira Silveira. Esses personagens foram escolhidos pela representação histórica que tiveram.

As duas mulheres representam poder, força, resistência e intelectualidade na época do escravismo. Elas não estão citadas somente como escravizadas ou como resultado de objetificação por seu dono; elas estão em movimento, são autoras de suas vidas. Mesmo que a estrutura vigente da época as condenasse como não livres, elas transpassaram a condição jurídica que as condenava.

Oliveira Silveira foi poeta sul-rio-grandense e precursor do movimento do Dia da Consciência Negra. Suas poesias trazem importantes referências da história do negro em nossa região, uma representatividade ainda não popular nas escolas.

Na pesquisa, os estudantes tiveram que buscar: nome da personalidade histórica escolhida; época do personagem; reivindicação do personagem (contra o que ele(a) protestava); conquista; semelhanças e diferenças entre a luta do(a) personagem que escolheram e as lutas raciais e sociais nos dias de hoje.

O próximo objetivo era construir ladainhas, tendo as pesquisas como base. Essas atividades foram lançadas junto a um vídeo explicativo, feito pelo professor, mostrando as ladainhas, as personalidades e o trabalho. As aulas foram organizadas em horários diferentes dos das aulas daquele contexto.

A escolha das ladainhas como tema central objetivava demonstrar a forma da narrativa sobre a história de Zumbi dos Palmares, por meio da roda de capoeira. Foram separados dois vídeos para que os estudantes escutassem

o ritmo e observassem as imagens, que remetiam aos personagens históricos de Zumbi dos Palmares e Mestre Pastinha.

No primeiro vídeo, cinco imagens foram importantes, entre elas, duas referentes a Rugendas e ao Mestre Pastinha. No segundo vídeo, a roda de capoeira era o principal objetivo de visualização, e nela os participantes cantavam a ladainha “Dona Isabel”. As imagens são ilustrativas e aparecem como representações do conteúdo das ladainhas; contudo, não se trabalhou com elas, e somente a escuta das ladainhas foi indicada como foco dos vídeos.

Os vídeos foram pensados sobre a seguinte fundamentação:

Passar filmes para alunos nas escolas ou mandá-los assistir, em casa, a determinado programa televisivo tem-se tornado prática bastante usual. Mas cabe indagar que trabalho os professores têm efetivamente realizado com a linguagem cinematográfica: usam-na como ilustração de um tema de aula? Trabalham com os alunos como se os filmes fossem “ressurreições históricas”, ou são apenas considerados e, portanto, analisados como veículos da ideologia dominante? (Bittencourt, 2009, p.372).

Trabalhamos a ilustração da temática, assumindo o risco de incorrer na superficialidade das imagens, como explica a autora acima. Percebe-se que, para ampliar os olhares dos estudantes sobre o valor civilizatório afro-brasileiro, que tem uma conexão presencial entre as pessoas, o uso da ferramenta da ilustração poderia diminuir a ausência de contato. Isso poderia ser uma forma de colocar os estudantes o mais perto possível dos valores civilizatórios. A música pode ser escutada, e a roda pode ser vista.

Que referencial pedagógico poderíamos utilizar para esse trabalho? A pedagogia da ausência e a pedagogia da presença, de Gomes (2017), abriram caminho para reflexão sobre a prática pedagógica:

Essa lacuna na interpretação crítica sobre a realidade racial brasileira e sobre as lutas empreendidas pela população negra em prol da superação do racismo tem impedido o Movimento Negro de demandar e exigir da escola práticas pedagógicas e curriculares que visem o reconhecimento da diversidade étnico-racial e o tratamento digno da questão racial e do povo negro no cotidiano escolar. Por outro lado, a lentidão da política educacional brasileira em responder adequadamente a essa demanda histórica tem motivado esse mesmo movimento a construir, com os seus próprios recursos e articulações, projetos educativos de valorização da cultura, da história e dos saberes construídos pela comunidade negra. Esses projetos caminham - às vezes articulados e outras não - com as escolas e o poder público (Gomes, 2017, p. 48 e 49).

A ênfase neste movimento das ausências e das presenças discursivas encontra-se no processo de construção de uma nova abordagem da História. Essa concepção pedagógica é que dá sustentação para novas práticas de ensino com a valorização cultural negra. As personalidades negras e as narrativas desenvolvidas por meio da centralidade dos sujeitos em questão não inventam nem desconstróem o contexto histórico, muito menos desprezam as historicidades construídas até aqui, mas permitem abrir a alternativa de outra narrativa em relação ao que já foi dito pelos “vencedores” e heróis, tão conhecidos na história.

As ladainhas utilizadas reviram o passado, trazendo uma narrativa da ancestralidade negra. O estudo é dilatado com histórias contadas pelos estudantes, em um presente múltiplo, inacabado e cheio de contrariedades – um presente dinâmico e curiosamente revelador das possibilidades de rever o passado. Daí o universo se amplia, abrange todas as dialéticas possíveis, atravessadas pela voz dos invisibilizados. As ladainhas potencializam a forma de resistência no ensino de História, rompem com o conservadorismo e atravessam espaço e tempo, em uma resignificação do presente.

### **Os estudantes e as ladainhas**

Vamos iniciar esta seção com algumas produções dos estudantes. Como forma de preservação de suas identidades, foram utilizados pseudônimos escolhidos por eles para indicar a autoria, de acordo com as pesquisas que fizeram.

*Dandara dos Palmares  
Dandara foi mulher guerreira  
Lutava até capoeira  
Com Zumbi ela se casou  
Com ele teve três filhos  
Motumbo, Harmódio e Aristogíton os nomeou  
Como mulher era diferenciada  
A caça ela dominava  
Armas Dandara empunhava  
Ao lado de homens lutava  
Sua história ficou esquecida  
Por muito tempo ninguém a conhecia  
Dandara no Quilombo foi rainha  
Palmares ela o defendia  
Presa em 1694  
Dandara se suicidou*

*Se jogando da pedreira  
À escravatura ela não se entregou  
(DANDARA - QUILOMBISTA).*

Na historiografia tradicional, há lacunas na existência de Dandara. Porém, seu nome tem força de representatividade da mulher negra, no papel de heroína que lutou ao lado de Zumbi dos Palmares. A escolha da aluna pode dar força a um papel político de enfrentamento aos obstáculos frente às comprovações da existência de personagens negros nos autos da história, ou seja:

Para introduzir a cultura afrodescendente, teremos de lidar com a dificuldade de sua amplitude e complexidade. Também com o fato de que as afrodescendências fazem parte das culturas brasileiras de diversas regiões e por vezes perderam as marcas identificadas como de base africana. Muito do que é cultura afrodescendente fica classificado como cultura popular no Brasil, e o popular é visto com desprezo, não é tratado e estudado como componente importante da nossa cultura. Faltam os manuais universitários para o seu aprofundamento e difusão. Ainda pesa o fato de o intelectual brasileiro, em geral, ser ignorante sobre a cultura africana, tendo transformado as ideias do seu desconhecimento numa hipótese de falta de erudição das culturas africanas (Junior, 2005, p. 266).

Aqui o popular foi valorizado, intencionado e colocado em primeiro plano. Dandara, no texto produzido pela estudante, significou a colocação da mulher negra em um eixo dinâmico das relações que a cercam, na apresentação como esposa de Zumbi. Sua personalidade ganha força com adjetivos próprios enquanto sujeito da história e de narrativa de atravessamento antirracista na construção de referências históricas negras. O texto contou a história e trouxe uma conotação educativa, sem fugir à ideia de que as ladainhas “contam a história e transmitem os fundamentos da Capoeira Angola. Os relatos evocam diferentes épocas e situações. Os textos destas cantigas não se limitam somente ao embelezamento poético da música, mas também são educativos” (Larraín, 2005, p.77).

Vejamos, com outro estudante, um olhar diferente em sua narrativa e perspectiva histórica de Dandara:

*Dandara dos Palmares  
Nascida mulher e negra  
Sonho pela minha liberdade que é minha por direito  
Não é justo! Os Brancos esnobes nos tiram isso e ainda nos tratam pior  
que animais!*

*Alô? Somos humanos também, não percebem? Sofremos igual a  
vocês  
Escutem-nos, merecemos ser livres.  
Então eu, Dandara dos Palmares,  
Guerreira e mãe,  
Se for preciso, darei a minha vida pela minha liberdade  
(DANDARA - LÍDER).*

Sim, ao pé da letra, isso estaria longe do conjunto que forma uma ladainha, contudo, a escrita rendeu um bom tempo de planejamento e aplicação de aula. Liberdade! A estudante situa-se no passado para pensar nas relações raciais. Os anacronismos fizeram parte de sua escrita, mas o dinamismo que encontra em sua produção é absorvido pela tradição oral. O processo de ensino de História e EREER desencadeou-se, e, como na capoeira, cada sujeito tem seu tempo para compreender as mensagens.

Como últimas exemplificações, destacamos a de Maria Firmina - Letrada:

*Por volta de 1530  
o tormento no Brasil se espalhou  
uns estrangeiros esquisitos  
nos pés do povo preto, uma corrente  
amarrou.  
de um povo inocente  
arrancaram a liberdade  
não tiveram piedade  
nem daqueles com pouco ou mais idade.  
cansados de tanta violência,  
dos brancos exigindo obediência  
o povo escravizado se juntou  
e, assim, formaram uma resistência.  
por trás de todo herói  
existe um passado  
Zumbi e Maria Firmina  
deixaram um legado.  
um revolucionário e uma escritora  
que após muito sofrimento e luta  
puderam se tornar um exemplo  
para qualquer leitor ou leitora.*

E ainda, Maria Firmina - Lutadora:

*Maria Firmina dos Reis  
Já nascia no século 19  
Maria Firmina dos Reis  
Uma mulher negra  
guerreira e forte  
Tempo de um preconceito  
Nada bom*

*O que gerou nela inquietação  
Fundou a primeira escola mista no seu estado  
Um passo importante  
Mas por pessoas ignorantes  
Que viram como um afronte  
Teve que ser fechada  
Quem a via achava  
que era uma simples professora  
Mas, na verdade, por trás,  
Havia uma grande protestante e escritora  
Pseudônimo: "Uma maranhense".*

A narrativa de Maria Firmina - Lutadora destaca-se por colocar Maria Firmina em primeiro plano narrativo, evidenciando seus feitos e sendo contextualizada pela secundarização dada ao período escravista, o que foi interessante. Já Maria Firmina - Letrada coloca a personagem no final de sua narrativa. A releitura estava dada.

Essas narrativas aqui escolhidas para elucidar o trabalho com estudantes mostram a influência e a potência das ladainhas de capoeira como articuladoras entre a Educação das Relações Étnico-Raciais e o ensino de História, o que dirige para novos caminhos, novas apropriações e representações.

### **Considerações finais**

Este artigo não teve a pretensão de ser um manual didático, muito menos a única forma de trabalhar a EREER e o ensino de História. Também não houve pretensão de apresentar uma metodologia única e inédita. No entanto, acreditamos ter sido possível registrar e tornar visível um dos múltiplos universos de possibilidades pedagógicas que os valores ancestrais afro-brasileiros podem mobilizar.

Dentro do limite pedagógico que a pandemia de COVID-19 impôs na educação pública, é preciso reconhecer que, após o trabalho desenvolvido, as produções dos estudantes estariam longe do ideal de uma ladainha. Todavia, essas produções permitiram vivenciar, embora de forma *on-line*, uma potência organizadora de pensamento, complexa em sua dimensão e saberes.

O respeito à capoeira também nos permite retirar qualquer pretensão de ensinar sua prática ou as ladainhas, algo que cabe a quem dela participa,

tem tradição, recebeu a benção da oralidade e do jogo, ou luta, faz mais que arte ou lazer. Cabe, pois, a quem incorpora um estilo e uma filosofia de vida, principalmente quando se trata do mestre de capoeira.

Do mestre, tivemos o ensinamento em momentos informais e de projeção do trabalho. Sua forma de pensar e seu zelo em compartilhar seus conhecimentos para que as aulas fossem produzidas geraram maior confiança no docente que conduzia a atividade. O resultado são os textos produzidos pelos estudantes, que, no sentido de apropriação já fundamentada, apelidamos de ladainhas. Como bell hooks<sup>4</sup> nos mostra,

Ensinar é um ato teatral. E é esse aspecto do nosso trabalho que proporciona espaço para as mudanças, a invenção e as alterações espontâneas que podem atuar como catalisadoras para evidenciar os aspectos únicos de cada turma. Para abraçar o aspecto teatral do ensino, temos de interagir com a “plateia”, de pensar na questão da reciprocidade. Os professores não são atores no sentido tradicional do termo, pois nosso trabalho não é um espetáculo (hooks, 2013, p. 21 e 22).

Voltando às analogias que permeiam o texto, o jogo estava na roda, mas a roda não terminou! O trabalho não finalizou. Ele foi uma chave para novas ideias e projetos. Os estudantes não se esquecerão mais da capoeira e terão lembrança do conteúdo de forma natural ou quando falarem nos nomes das personalidades. Não! Não é prepotência nossa, mas a certeza de que, entre acertos e ajustes, se abrem novas perspectivas para o ensino de História.

Há muito que se pensar, como nos estudantes negros (poucos em comparação com o número dos discentes participantes neste trabalho) e no entendimento dos estudantes brancos sobre a cultura afro-brasileira. Há problematizações sem fim, e o percurso não é fácil. O pretexto de educar sob a concepção antirracista exige explorar novos caminhos e fazer descobertas, assim como formação e compreensão deste universo que nos toca enquanto cidadãos dotados de signos culturais que abrangem tanto a macro quanto a microestrutura por onde circulamos: família, amigos, casa, escola, instituições, entre outros.

No íntimo de um dos autores, professor preto que trabalha com a EREER, é muito cansativa a carga de lutar pelo viés antirracista. Sempre há um

---

<sup>4</sup> bell hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, intelectual negra norte-americana reconhecida pelas suas inúmeras obras acerca dos temas raça, gênero, sexualidade, classe, feminismo negro, entre outros. Este pseudônimo é inspirado no nome de sua avó, e a autora optou por citá-lo com letras minúsculas.

confronto nos pensamentos: “será que acham que estou me vitimizando?”; ou “será que os estudantes não estão sendo espontâneos por conta de eu ser negro?”. Qualquer professor está sujeito ao cansaço e ao desconforto, mas a injustiça racial, que condena milhares de negros a uma hierarquização de privilégios, inclusive na educação, dá força para pensar e tensionar a educação e o ensino de História.

O trabalho aqui apresentado gerou resultados importantes, constituindo uma teia de relações não esperadas. Colegas da escola gostaram muito da forma didática com que a proposta foi desenvolvida. A presença negra no ensino de História neste trabalho deu-se de forma articulada e profunda. Foram postas personalidades negras em destaque, em narrativas que transcenderam a palavra “escravo”. O ensino de História nos dá múltiplas oportunidades de problematizarmos a dicotomia entre teoria e prática, e este foi um exemplo em que a pesquisa histórica é colocada a serviço de uma produção autoral que possibilita a experiência de aprendizagem.

Ao utilizarmos as ladainhas como principal meio de comunicação e construção narrativa, sentimos a aproximação entre as experiências da capoeira e quem aqui escreve (Benjamin, 2012). Isso nos permite sonhar com o dia em que as culturas afro-brasileiras sejam comuns e rotineiras no ensino, e as cenas de sala de aula possam transcorrer sem novidades, valendo-se de ladainhas, batuque e jongo, sem necessariamente remeterem a ações antirracistas, porque não haveria racismo futuramente.

Essa experiência foi uma prática fundamentada em uma proposição positiva, tal como prevê a EREER, que se entrelaça com o ensino de História. As ladainhas como referência foram fundamentais na construção pedagógica, que evidenciaram sujeitos invisibilizados na História. Se o objetivo era potencializar a ladainha em meio à educação formal, não resta dúvida desse alcance; contudo, as sensibilidades que dela resultaram não podem ser quantificadas. Mesmo assim, o processo de teorização da prática pode dimensionar o quanto um trabalho com os estudantes gera possibilidades de ressignificação e engajamento profissional.

A luta continua, e estamos “gingando” cada vez mais para uma formação de combate ao racismo que busque naturalizar o antirracismo nos currículos escolares. A EREER vem, ainda que a passos vagarosos, tomando corpo e produzindo efeitos de tensionamento educacional e pessoal em

reflexões que abarcam o dispositivo da racialidade (Carneiro, 2023) e o lugar na sociedade. A luta contra o racismo tem que tomar cada vez mais espaço nos meios letrados, com mediação entre professores e estudantes para que, em um golpe perfeito, possamos ganhar força e legar aos estudantes o conhecimento para novas produções narrativas nos lugares que frequentarem.

## Referências

BÂ, H. A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (org.). **História geral da África**. São Paulo: Ática; Paris: Unesco, 1982. Pp. 181-218.

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas Volume – I**. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense. 2012.

BITTENCOURT, C. M. F. *et al.* **O Ensino de História e a criação do fato**. São Paulo: Contexto, 2009.

CARNEIRO, S. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CUNHA, M. C. de. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. **Revista USP**, São Paulo, n.75, p. 76-84, set./nov. 2007.

HERMETO, M. **Canção popular brasileira e Ensino de História**: palavras, sons e tantos sentidos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

GOMES, N. L. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan./Abr. 2012.

GOMES, N. L. **O Movimento Negro Educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis. RJ: Vozes, 2017.

GONZÁLEZ, M. P. **La enseñanza de la historia en el siglo XXI**. Saberes y prácticas. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2018, livro digital.

hooks, b. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

JUNIOR, H. C. Nós, Afro-Descendentes: História Africana e AfroDescendente na Cultura Brasileira. In: ROMÃO, J. (Org.). **História da Educação do Negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005.

LARRAÍN, N. R. S. **A Capoeira Angola**: música e dança. Dissertação (Mestrado em Música-Etnomusicologia). Universidade Federal da Bahia, 2005.

LIMA, M. N. M. de. **Relações étnico-raciais na escola**: o papel das linguagens. Salvador: EDUNEB, 2015.

MALDONADO-TORRES, N. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. (Orgs.) **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. P. 27-53.

MEC; SEPPPIR. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, 2004.

MEINERZ, C. B.; PEREIRA, P. N. Ensino de História e Educação das Relações Étnicoraciais. **Revista do Lhiste**, Porto Alegre, num.5, vol.3, jul/dez. 2016.

MONTEIRO, A. M. F. C.; PENNA, F. de A. Ensino de História: Saberes em lugar de Fronteira. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 36, n.1, p. 191-211, jan./abr., 2011.

MORAES, M. **Rei Zumbi dos Palmares**. YouTube, 20 de novembro de 2009. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=7Pq\\_cadt97o](https://www.youtube.com/watch?v=7Pq_cadt97o)> . Acesso em: 15 mai. 2025

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra - 3ed.- Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

OLIVEIRA, J. P.; LEAL, L. A. P. Capoeira e identidade nacional: de crime político à patrimônio cultural do Brasil. In: **Capoeira, identidade e gênero**: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 43-55.

PASTINHA, M. **Capoeira Angola**. Salvador: Escola Gráfica N.S. de Loreto, 1964.

PEREIRA, J. S.; ROZA, L. M. O Ensino de História entre o dever de memória e o direito à história. **Revista História Hoje** (ANPUH), nº 1, p. 89- 109, 2011.

PEREIRA, N. M.; GRAEBIN, C. M. G. Abordagem Temática no Ensino de História. In: BARROSO, V. L. M. [et. Al] (orgs.) **Ensino de História**: desafios contemporâneos. Porto Alegre: EST: Exclamação: ANPUH/RS, 2010, p.169-181.

PLÁ, S. La enseñanza de historia como objeto de investigación. **Secuencia**, n. 84, p. 163-184, set./dez. 2012.

REGO, W. **Capoeira Angola**: ensaio sócio-etnográfico. Salvador: Editora Itapuã, 1968.

SILVA, A. C. da. **Representação Social do Negro no Livro Didático**: o que mudou? Por que mudou? Salvador. EDUFBA, 2011.

SOARES, C. E. L. **A negrada da instituição**: os Capoeiras na corte imperial 1850-1890. 1993. 463 f. (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas, 1993.

TRINDADE, A. L. (Org.). **Salto para o Futuro**. Africanidades brasileiras e educação. Rio de Janeiro: ACERP; Brasília: TV Escola, 2013.

VARGAS, T. **Dona Isabel Que História é Essa**. YouTube, 26 de outubro de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3wFDDeaEDQM8>>. Acesso em: 15 mai. 2025.